



O TRABALHO PEDAGÓGICO NA ESCOLA E OS I JOGOS MUNDIAIS INDÍGENAS¹

Marilza Teixeira Oliveira²

RESUMO

O trabalho mostra a organização da prática pedagógica na Escola de Tempo Integral, em Palmas, cujo objetivo foi conhecer as práticas corporais indígenas local e mundial. Aulas tematizadas e objetivos específicos em consonância com as dimensões abrangentes do ensino, conduziram ao resultado visto na valorização, reconhecimento do legado sociocultural vivenciado pela interculturalidade e uma aprendizagem significativa dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Mundiais Indígenas; Prática Pedagógica; Interculturalidade.

INTRODUÇÃO

No ano de 2015 foi realizado no Brasil, na cidade de Palmas, estado do Tocantins, o I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. Muitos esforços técnicos e articulações políticas foram envidados para que este evento pudesse se realizar na capital. A comissão organizadora dos jogos levou em consideração o ambiente natural, semelhante ao habitat dos povos indígenas e teve a responsabilidade, junto com outras instituições governamentais, de organizar a primeira edição dos jogos.

No decorrer dos anos foram realizadas 12 edições dos Jogos dos Povos Indígenas em âmbito nacional, sendo a primeira em 1996. Ao longo das edições, o evento tomou grandes dimensões exigindo novos esforços e o envolvimento de outras instituições. Sobre o apoio institucionalizados, sinaliza Ferreira e Vinha:

Com o lema “o importante não é competir e sim celebrar”, os Jogos dos Povos Indígenas tiveram, a partir de 2007, um apoio institucionalizado do Governo Federal, envolvendo o Ministério do Esporte, a FUNAI/Ministério da Justiça, o Ministério da Cultura, o Ministério da Saúde, o Ministério da Educação, além dos Governos de Estado e Prefeituras Municipais. Os jogos foram criados tendo como principal objetivo resgatar e valorizar os jogos esportivos indígenas, promovendo o congraçamento e intercâmbio entre outras etnias participantes, fortalecimento da identidade cultural desses povos e confraternização digna e respeitosa dos índios com a sociedade indígena. (FERREIRA E VINHA, 2015, p.251).

O Tocantins sediou nacionalmente duas edições dos Jogos, sendo a VI edição (2003), em Palmas e a XI em Porto Nacional. O Estado possui expressiva população e etnias indígenas e, com base em Machado:

1 O Presente textos não contou com o apoio financeiro de nenhuma natureza para a sua realização.

2 Secretaria Municipal de Educação, marilzavolei@gmail.com

O estado do Tocantins possui uma população indígena estimada em 13.800 (SESAI,2013); divididos, segundo a língua, em oito povos: *Akw* (Xerente), *Timbira* (Apinajé, Krahô e Krahô-Kanela), *In* (Karajá, Javaé e Xambioá) e *Avá* (Canoeiro), com seus territórios demarcados e homologados pelo governo federal. Contudo, mesmo com a presença numerosa de população indígena e de diferentes etnias no estado, são incontestes o descaso, o preconceito, a negação, a invisibilidade e o desconhecimento de suas culturas e histórias (MACHADO, 2016, p. 9).

Diante da proposta de um evento indígena ser novamente sediado em Palmas, surgiram indagações sobre a cultura dos povos indígenas, tanto na comunidade quanto no ambiente escolar. É quando percebe-se a necessidade de levar a estes segmentos, respostas sobre a diversidade de conhecimentos que envolve essa dimensão cultural. Neste sentido, o mais instigante foi o desafio de desenvolver práticas pedagógicas interculturais.

Concordamos com Moreira e Candau (2007), quando afirmam serem indispensáveis conhecimentos escolares que facilitem ao aluno uma compreensão acurada da realidade em que está inserido, que possibilitem uma ação consciente e segura no mundo imediato e que, além disso, promovam a ampliação de seu universo cultural.

Nesta perspectiva, a fim de unir a necessidade de legitimar essa demanda em observância à legalidade, ressalta-se a aprovação da Lei nº 11.645, que torna obrigatório o estudo da cultura indígena nas escolas de ensino fundamental e médio do nosso país, baseando-se em três princípios: consciência política e a história da diversidade; fortalecimento de identidade e de direitos; ações educativas de combate ao racismo e às discriminações. Embora o ato legal garanta estes princípios, eles ainda não estão legitimados no consciente individual e coletivo.

A experiência aqui apresentada foi desenvolvida na Escola de Tempo Integral (ETI) Pe. Josimo Morais Tavares, em Palmas -TO, primeira escola de tempo integral idealizada e construída para atender as demandas da comunidade, em cujo Projeto Político Pedagógico (PPP) (2011) ressalta-se a oportunidade de ampliar a permanência do tempo escolar do aluno, num projeto curricular qualitativo que potencialize as Inteligências Múltiplas, colocando-os em contato com uma educação diferenciada, capaz de fortalecer os laços de solidariedade e união.

METODOLOGIA

Vislumbrando uma grande oportunidade de trabalhar essa temática nas aulas de Educação Física, enquanto professora na organização do trabalho pedagógico, concordo que:

A Educação Física permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variada combinação de influência está presente na vida cotidiana. As danças, esportes, lutas, jogos e ginásticas compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado. Além disso, esse conhecimento contribui para a adoção de uma postura não preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e às pessoas que deles fazem parte. (PCN/EDUCAÇÃO FÍSICA, pag.28-29).

Assim, ao explorarmos os conhecimentos e os preconceitos que os alunos trazem consigo, atrelados às minorias sociais e culturais, e ao serem questionados e

levados a expor suas ideias, se organizam e expressam conforme o que absorveram dos veículos de comunicação e do senso comum, permanecendo na superficialidade da compreensão cultural indígena. A partir destas reflexões, e conforme postulam Piccolo e Moreira (2012), a Educação Física pode ser interpretada como um espaço de produção cultural, a seleção dos conhecimentos ali disseminados deve-se pautar nas necessidades e nos interesses dos alunos, considerando as suas expectativas, os seus anseios, visando ampliar as suas experiências culturais.

Aproveitando o conhecimento prévio dos alunos, criou-se nas aulas momentos para escutar, debater, esclarecer e vivenciar as práticas corporais indígenas, de forma a despertar a sensibilidade para uma reflexão ética e moral, conforme afirma o autor:

Possibilitar uma oportunidade de vivência corporal e não de manipulação do corpo, passa a ser um novo desafio proposto a professores que recorrem às práticas corporais como meio de ensino. As propostas devem ampliar o raio de ação do movimento para aquilo que está ao redor do corpo na relação com o outro e com o mundo, ao mesmo tempo em que possibilitam um resgate da sensibilidade e da percepção de si como corporeidade, incitando uma reflexão ética e moral (RIBEIRO, 2007, p.38)

Nesta perspectiva, iniciamos a organização do trabalho pedagógico pensando as ações em forma de projeto a ser inserido no PPP da escola, definindo como objetivo conhecer culturalmente as práticas corporais indígenas local e mundial, contribuindo na formação de alunos críticos, reflexivos e participativos.

As aulas foram pensadas, organizadas, estruturadas e tematizadas em dez aulas, ministradas no bimestre que antecedeu o evento. Organizado o repertório de atividades, as aulas foram tematizadas com objetivos específicos, em consonância com as dimensões de ensino conceitual e factual, procedimental e atitudinal. Os procedimentos estratégicos utilizados variou entre aulas expositivas e dialogadas, registros fotográficos, produção/visualização de vídeos, até a realização de oficinas e vivências corporais em torno da temática, integradas com as turmas de 9º anos.

O método de ensino foi aplicado em aulas divididas em três momentos: no primeiro os alunos tiveram contato com o tema da aula, sendo sensibilizados com perguntas, estímulos, apresentação de ideias, de conceitos e reflexões sobre a cultura indígena; no segundo desenvolveu-se práticas de arco e flecha, cabo de força, corrida de tora, além de pintura corporal indígena, quando os alunos foram estimulados em um míni torneio, à execução e organização das vivências; e no terceiro, a partir dos apontamentos e reflexões mediados pelo diálogo, identificou-se suas percepções, dificuldades e facilidades. Assim, desenvolveu-se a reconstrução dos movimentos ou técnicas, individual ou em grupo, possível de aplicação àquela vivência tematizada. Os alunos também foram estimulados a pesquisar, conhecer sobre a cultura indígena a partir de visualização de fotografias, vídeos e notícias sobre os Jogos dos Povos Indígenas. Fez-se uso de recursos áudio visuais, materiais previamente organizados, como arcos, flechas, alvos, toras e fotos da experiência vivenciada por alunos que visitaram uma aldeia.

A avaliação está diretamente ligada aos objetivos iniciais da proposta, cujos critérios a serem estabelecidos vão balizar este processo dentro perspectiva educacional. Verificou-se o alcance dos objetivos na medida em que os alunos se

manifestavam no decorrer das aulas ou ao final delas, seja em relação a uma prática corporal vivenciada ou através dos diálogos reflexivos provocados, que serviram também como ferramentas avaliativas. Identificamos os sinais de apreensão dos saberes por parte dos alunos, nas suas manifestações orais e corporais, quando traziam entendimentos diferentes dos que foram apresentados antes da proposta de conhecer e vivenciar as práticas corporais indígenas.

Quando da realização das vivências e também no mini torneio, ficou evidenciado o trabalho em grupo, o respeito, a organização interna e externa para a realização das tarefas, a ressignificação de seus conceitos e a identificação de atitudes preconceituosas; isto foi verificado ao longo das falas, durante o processo e através dos registros em vídeo, quando os alunos tiveram a oportunidade de realizar a auto avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessa experiência, enquanto professora, obtive estímulos para buscar a superação e preencher uma lacuna na formação de professores, promovendo com essa prática pedagógica, reflexões e apontamentos significativos. Foi uma valiosa oportunidade para mostrar à comunidade escolar que no processo de ensino e aprendizagem, há e pode-se descobrir diversas maneiras de ensinar que contemplem valores positivos para a consolidação de uma sociedade composta pela diversidade.

Transpor o reducionismo das práticas pedagógicas que não consideram a complexidade, de valorizar, reconhecer, pesquisar, ensinar e vivenciar as manifestações corporais da cultura indígena, contextualizando e compreendendo-as fora da lógica do pensamento hegemônico, tornou-se exercício necessário da docência.

Compreendo a escola como o espaço por excelência, onde se pode promover a participação e o envolvimento da comunidade escolar e local no processo de ressignificação do legado sociocultural em nível local e regional. Nesta perspectiva o que tornou-se mais instigante neste trabalho foi vivenciar a interculturalidade, que potencializou aprendizagens de outras regras sociais e valores culturais embutidos nos currículos escolares.

THE PEDAGOGICAL WORK IN THE SCHOOL AND THE INDIGENOUS WORLD GAMES

ABSTRACT: The work shows the organization of the pedagogical practice in the School of Integral Time in Palmas, whose objective was to know the corporal practices indigenous local and world. Thematic classes and specific objectives in line with the comprehensive dimensions of teaching, led to the result seen in the valorization, recognition of the socio-cultural legacy experienced by the interculturality and significant learning of the students.

KEY WORDS: Indigenous World Games; Pedagogical Practice; Interculturality.

TRABAJO EN EDUCATIVOS DEL COLEGIO Y INDÍGENA I JUEGOS MUNDIALES

RESUMEN: La obra muestra la organización de La práctica pedagógica em La escuela a tiempo completo en Palmas, cuyo objetivo era conocer las prácticas del cuerpo indígena local y global. Lecciones temáticas y objetivos específicos en línea con las dimensiones integrales de La educación,

condujo al resultado visto em La apreciación, reconocimiento del legado cultural experimentado por La interculturalidad y una prendizaje significativo de los estudiantes.

PALABRAS CLAVE: Juegos de mundo indígena; Práctica pedagógica; Interculturalidad.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 21 mar. 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** educação física. 3.ed. Brasília: 2001. p. 28-29.

ESCOLA MUNICIPAL DE TEMPO INTEGRA PE. JOSIMO TAVARES. **Projeto Político Pedagógico - PPP.** Palmas, 2011.

FERREIRA, M. B R; VINHA, M.(org). **Celebrando os Jogos, a Memória e a Identidade:** XI Jogos dos Povos Indígenas, Porto Nacional – Tocantins, 2011. Dourados: UFGDR, 2015.

MACHADO, M.(org) **Cultura e História dos Povos Indígenas:** formação e direitos e conhecimento antropológico. Fortaleza: Expressão, 2016.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Indagações sobre o Currículo. **Currículo, Conhecimento e Cultura.** Brasília: MEC, 2007. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>> Acesso em: 21 mar. 2017.

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Esporte como conhecimento e prática nos anos iniciais do ensino fundamental.** São Paulo: Cortez, 2012.

RIBEIRO, Jean. **Paidéia:** a iniciação esportiva a partir da corporeidade. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação Física: Faculdade de Ciências da Saúde).Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2007.